

Uma das questões da psicanálise é a constituição do sujeito, ou seja, aquilo que leva um pequeno ser biológico, desprotegido, a tornar-se um ser da cultura. Pouco se tem pensado, porém, sobre a subsistência do sujeito humano diante de certas condições de violência.

Daí o Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae ter escolhido como tema de trabalho para 1991 "As diferentes formas da violência." Optamos, então, por tomar como eixo deste número o mesmo tema. A diversidade de âmbito nos quais a violência pode ser abordada está presente na multiplicidade que constitui o leque de artigos.

As "estratégias de sobrevivência" do sujeito psíquico vão da manutenção de pequenos rituais cotidianos, narrados pelos sobreviventes dos campos de concentração, na tentativa desesperada de preservar algo do mundo humano perdido, até as tentativas de criar espaços para falar de tudo aquilo que o terro-

rismo de Estado exige silenciar, criando ocos na memória. "Trabalhar no simbólico" parece ser, nas palavras de Gilou Garcia Reinoso, um objetivo da psicanálise. Mas é também um suporte necessário para não sucumbir ao processo de desconstituição psíquica quando o horror da cotidianidade ameaça o sujeito.

Impactos psíquicos da violência macrossocial em situações de guerra; terrorismo de Estado atingindo a totalidade do tecido social; conseqüências da violência institucional, que através da censura minam a possibilidade do pensamento; ação da pulsão de morte, do ódio destruindo as ligações no nível das representações e dos afetos, manifestações de violência na cotidianidade dos sujeitos. Todos estes efeitos se fazem presentes na clínica e por eles somos interrogados. Sem perder de vista as diferenças, nenhuma dessas formas de violência deixa de ser tema de reflexão para nós, analistas.